



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**JÚLIA OLIVEIRA DE SOUSA TEOBALDO**

**A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS EM CRECHES PÚBLICAS DE FORTALEZA  
SOB A PERCEPÇÃO DE COORDENADORAS PEDAGÓGICAS**

**FORTALEZA**

**2015**

JÚLIA OLIVEIRA DE SOUSA TEOBALDO

A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS EM CRECHES PÚBLICAS DE FORTALEZA  
SOB A PERCEPÇÃO DE COORDENADORAS PEDAGÓGICAS

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Docência na Educação Infantil.

Orientadora: Professora Ms. Francisca Francineide Pinho.

FORTALEZA – 2015

JÚLIA OLIVIERIA DE SOUSA TEOBALDO

A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS EM CRECHES PÚBLICAS DE FORTALEZA  
SOB A PERCEPÇÃO DE COORDENADORAS PEDAGÓGICAS

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Docência na Educação Infantil.

Aprovada em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Ms. Francisca Francineide Pinho.

(Orientadora)

---

Profa. Dra. Aparecida Carneiro Pires

Membro da Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Maria Celina Furtado Bezerra e Costa

Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF)

*“Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros”. (Paulo Freire, 1981)*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, força poderosíssima em minha vida, que me rege e me orienta em todos os momentos de minha trajetória.

À minha família, esposo, filhos e pais.

E, carinhosamente, a todos os meus amigos, em especial à Turma B, por todo incentivo, compreensão e cooperação que muito me impulsionaram a desenvolver esse trabalho, sem deixar de mencionar minha equipe de estudo e parceiras de profissão – Meirilene, Janaína e Jocerlania, que desde o primeiro dia de aula até o presente momento estamos juntas pela força do amor, da amizade e, sobretudo, do respeito que construímos, de forma perseverante, diante de todas as dificuldades.

Não poderia deixar de reconhecer minha gratidão às coordenadoras envolvidas nessa pesquisa que muito contribuíram para o desenvolvimento da mesma. Sabendo que a importância desse estudo é favorecer as instituições no tocante à organização dos espaços, acredito que um dia todas as instituições oferecerão às nossas crianças espaços acolhedores e atrativos, que respeitem seus desejos e escutem suas necessidades, na efetivação de uma educação de qualidade para todas as crianças.

Agradeço de um modo especial à minha orientadora Francineide Pinho, pelo apoio incondicional a este trabalho, que de forma incansável me outorgou às orientações necessárias para seu enriquecimento, norteando o rumo certo, ou seja: o caminho das pedras.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como finalidade investigar como se compreende a organização dos espaços de duas creches municipais localizadas no Distrito Educacional III do município de Fortaleza, mediada na ação de coordenadoras e os seus respectivos grupos. Tem como objetivos específicos conhecer como as coordenadoras pedagógicas utilizam o espaço físico das instituições e se elas propõem alternativas para desenvolver um atendimento que priorize o interesse e a autonomia da criança e investigar sobre o trabalho dessas coordenadoras na perspectiva de encontrar elementos que subsidiem outros profissionais que atuam na Educação Infantil a organizar ambientes que dêem oportunidade às crianças atendidas de manifestarem seus interesses através da exploração dos espaços disponíveis. Como aportes teóricos nos apoiamos nos estudos de Horn (2004), Oliveira (1995), dentre outros. A investigação se configurou como trabalho de campo de natureza qualitativa, com características de uma pesquisa etnográfica na qual foram realizadas observações e entrevistas semiestruturadas, como estratégia de coleta de dados. Como achados da pesquisa, detectou-se que não é suficiente um prédio bonito e bem equipado para garantir uma educação de qualidade às crianças em creche, isso deve vir acompanhado de um projeto pedagógico consistente, bem como de um grupo de educadores com formação, atentos às necessidades das crianças, ao direito de brincar e a uma rotina coerente e significativa. Os sujeitos pesquisados apontaram que a organização de espaços atraentes e desafiadores para o desenvolvimento infantil requer condições estruturais adequadas, vontade política, articulação com a comunidade e ainda aspectos relevantes como a formação e mudança de concepções dos diversos segmentos que compõem a unidade de ensino.

**Palavras-chave:** Organização dos Espaços, Creche, Coordenadoras Pedagógicas.

## **ABSTRACT**

This research aims to identify how to understand the organization of spaces in two municipal day care centers located in the District Educational III in the city of Fortaleza, mediated in action coordinators and their respective groups. Its specific objectives are to know how the pedagogical coordinators use the physical space of the institutions and they propose alternatives to develop a service that prioritizes the interests and the child's autonomy and investigate the work of these coordinators in view of finding elements that support other professionals act in kindergarten to organize environments that give opportunity to children met to express their interests through exploitation of available spaces. As theoretical contributions we rely on studies of Horn (2004), Oliveira (1995, 2001), among others. The investigation was configured as qualitative fieldwork, with characteristics of an ethnographic research in which were carried out observations and semi-structured interviews as data collection strategy. As findings of the survey, it was found that is not enough a beautiful and well-equipped building to ensure a quality education for children in day care, it must be accompanied by a consistent educational project as well as a group of educators trained, attentive needs of children, the right to play and to a consistent and meaningful routine. The study subjects showed that the organization of attractive and challenging spaces for child development requires appropriate framework conditions, political will, coordination with the community and still relevant aspects such as training and changing conceptions of the various segments that make up the teaching unit.

**Keywords:** Organization of spaces, Daycare, Pedagogical Coordinators.

## LISTA DE SIGLAS

CF	Constituição Federal
CCDH	Centro de Cidadania e Direitos Humanos
DCNEIs	Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
GESTAR	Gestão da Aprendizagem Escolar
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
MIEB	Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil
PDE	Plano de Desenvolvimento da Educação
PROFA	Programa de Formação de Professores Alfabetizadores
PRÓ- Letramento	Programa de Formação Continuada Para Professores das Séries Iniciais
PAIC	Programa de Alfabetização na Idade Certa
RCNEI	Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil
SEB	Secretaria de Educação Básica
SER	Secretaria Executiva Regional
SME	Secretaria Municipal de Educação

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	10
<b>CAPÍTULO 1 – “MENINA, ACORDA; TÁ NA HORA DE IR PRA ESCOLA!”</b>	16
1.1 – Que brincadeira é essa?	17
1.2 – O Coordenador Pedagógico e seu papel na escola	22
<b>CAPÍTULO 2 – A METODOLOGIA</b>	23
2.1 – Um breve olhar sobre a pesquisa etnográfica	23
2.2 – As estratégias da pesquisa	27
2.3 – O contexto das Instituições pesquisadas	28
2.3.1 – Conhecendo as creches pesquisadas	30
2.4 – Conhecendo os sujeitos da pesquisa	35
<b>CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DAS PONDERAÇÕES DAS COORDENADORAS PEDAGÓGICAS</b>	38
3.1 – A percepção dos sujeitos acerca da organização dos espaços na creche	38
3.2 – A relação entre a formação e a prática profissional	41
3.3 – O papel do Coordenador Pedagógico e o seu contexto de atuação	44
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	47
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	50
Anexo 1 – Roteiro de Observação	54
Anexo 2 – Roteiro do Questionário	55

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, as significativas contribuições dos estudos acerca da Educação Infantil e os seus desafios suscitaram nos educadores reflexões para compreender as políticas sociais voltadas à infância. Questões como formação de professores, atendimento às crianças, ambientes adequados, fizeram parte dessas reflexões. Esse último tema, ainda requer especial atenção, pois muitas vezes passa a ser irrelevante quando as políticas públicas focam principalmente na quantidade de crianças ainda sem atendimento em creches.

Assim sendo, torna-se imprescindível a adequação de espaços, cuja natureza propicie à criança, condições para o seu desenvolvimento, aprendizagem e bem-estar, fato que tem sido ressaltado nos diversos documentos que compõem a política para Educação Infantil em nosso país. Desse modo, essas investidas nas últimas décadas, buscam definir objetivamente um patamar mínimo de qualidade que respeite a dignidade e os direitos básicos das crianças.

Mesmo com toda evolução em relação às concepções de infância, de criança e de Educação Infantil, socialmente ainda há uma larga distância a percorrer para que se efetive o que é apregoado nas Diretrizes Curriculares Nacionais, da criança como um ser completo e não apenas como um vir a ser. Essa concepção da criança como um sujeito que já é cidadão de direito, com potencialidades e individualidade, ainda está em processo de internalização por parte de nossa sociedade como um todo. Este fator concorre para que a questão da organização dos espaços, como fator preponderante para o desenvolvimento infantil e para a aprendizagem significativa das crianças, não seja considerada como uma potencialidade.

Ao ter acesso à algumas instituições de Educação Infantil gerenciadas pelo poder público, é comum perceber ambientes com pouco estímulo que possibilite o desenvolvimento da individualidade, de competências e habilidades nas crianças ali atendidas. Seguramente, isto é resquício do assistencialismo que perdurou até meados dos anos 1990, antes da aprovação da Lei 9.394/96 – Lei de Diretrizes Bases da Educação (LDB), que definiu a Educação Infantil como primeira etapa

da Educação Básica, trazendo conseqüentemente o atendimento das crianças de 0 a 5 anos para o âmbito educacional.

Esse cenário de extrema precariedade que se configura na organização dos espaços escolares, está presente também na realidade das creches pertencentes à Rede Pública de Fortaleza, município em que atuei como professora nos anos de 2001 a 2008, e como coordenadora pedagógica de 2008 a 2013 e atualmente com formadora na Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Os estudos, as conversas, as observações e, sobretudo, a reflexão acerca da práxis das professoras que orientava por meio de formação e de visitas de acompanhamento pedagógico, realizadas nas instituições de ensino, suscitaram-me um incômodo sobre essa realidade. Nessas investidas, nasceram muitas inquietações que fomentaram o desejo de compreender a adequação desses espaços, do que é de direito, conforme está posto em lei.

Conforme Moran (2000, p.73), “Somos educadores, quando contribuimos para motivar as pessoas que estão perto de nós, quando transmitimos esperança, quando ensinamos valores humanizadores, principalmente pelas nossas ações [...]”, acreditamos que todos somos educadores e responsáveis pela aprendizagem e desenvolvimento de cada criança atendida. Dessa forma, todos também são responsáveis também pela construção e favorecimento de ambientes de aprendizagem, conforme afirmou o referido autor: Apoiando-se neste pensamento, esta pesquisa busca investigar como são organizados os espaços em creches municipais de Fortaleza, mediada na ação de suas coordenadoras e os seus respectivos grupos.

Configuram-se ainda como objetivos específicos, analisar qual o papel dos coordenadores pedagógicos e que concepções estes profissionais apresentam acerca da organização dos espaços oferecidos; conhecer como estes profissionais utilizam o espaço físico das instituições e se eles propõem alternativas para desenvolver um atendimento que priorize o interesse e a autonomia da criança e por último verificar qual a compreensão dos mesmos em relação a influência desses espaços nas qualidades das experiências oferecidas às crianças.

E, para referendar esta pesquisa, utilizo-me das reflexões de conceituados estudiosos como: Gandini (1999), Forneiro (1998), Horn (2004), Craidy (2001), Oliveira (2008), Zabalza (1998), dentre outros. Com base nos estudos desses

autores e pensando principalmente no desenvolvimento das crianças, seu bem-estar e na qualidade do ensino a elas destinado, é que se estruturou a ideia de realização dessa pesquisa.

O tema Organização dos Espaços na Educação Infantil sempre me incomodou bastante e quase sempre foi motivo de busca de minhas pesquisas de fundamentação teórica e estudos. Sempre me despertou a curiosidade em saber mais sobre o tema e de como conduzir melhor esse trabalho na minha sala de aula.

Geralmente, tentava melhorar o aspecto da sala de aula em que atuava, de forma a ampliar as interações lúdicas das crianças, e assim buscava oferecer uma organização de espaços atraentes e desafiadores para o seu desenvolvimento. Mesmo intuitivamente e sem as condições estruturais necessárias, procurava estar atenta aos desejos e às necessidades das crianças de forma que aquele tempo que elas passavam na instituição pudesse ser prazeroso, acolhedor e, principalmente, que estivessem propiciando novas e diversificadas experiências de exploração.

Durante a infância, nas experiências vivenciadas nas brincadeiras, sempre estive rodeada por significativos momentos de faz de conta, onde vivenciávamos sempre as brincadeiras de escola. Ao longo dos tempos essa brincadeira foi deixando de ser lúdica e tornando-se desejo, sonho e foi me seduzindo de tal forma que aos 16 anos comecei o curso pedagógico, em 1987 e logo fui estagiar numa creche comunitária que ficava próximo à minha casa. Não recorro o que recebi em dinheiro, mas lembro até hoje dos aromas, dos sabores e das experiências que vivi ali.

Depois fui percorrendo toda minha experiência profissional em torno da primeira infância, em diversos locais que favoreceram uma bagagem consistente em meu currículo. Minha carteira profissional foi assinada como monitora de sala em 1991 quando trabalhei num Centro de Estimulação e Desenvolvimento Infantil com crianças de quatro meses a seis anos. Profissionalmente, na Educação Infantil, desempenhei várias tarefas, desde estagiária de sala na educação infantil auxiliar educacional em creche, monitora de sala de estimulação a aprendizagem, professora na educação infantil, coordenadora pedagógica, até a função de formadora.

Vivenciei também diversos contextos sociais na educação, desde escolas localizadas em comunidades menos favorecidas até escolas privadas que se situaram em áreas nobres de Fortaleza. Esses contextos diferenciados contribuíram para ampliar meus conhecimentos e minha percepção acerca dos espaços físicos das instituições.

Entretanto, minha atuação profissional mais relevante, no que concerne a esta pesquisa, foi o exercício da função de coordenadora pedagógica em creches públicas e conveniadas, localizadas no Distrito Educacional III, em Fortaleza. Nesses espaços, vivenciei momentos únicos, quando a equipe de profissionais, incomodada com a situação encontrada na creche, partiu para estudos e discussões, refletindo sobre a práxis de cada professora.

Realizamos visitas a outras instituições que proporcionavam às professoras a vivência de espaços e experiências na Educação Infantil que pudesse aproximar teoria e prática, e, de acordo com as observações feitas nas visitas, discutiram-se ideias e sugestões que pudessem ser adotadas no contexto da nossa realidade. A busca por novas práticas pedagógicas incentivou e ampliou nossos estudos sobre a concepção de criança, dos quais surgiu um projeto “Reinventando os Espaços da Creche”.

O projeto teve como objetivo elaborar uma proposta de trabalho que possibilitasse romper com o esquema tradicional de atuação na creche e que favorecesse inúmeras opções para que as crianças desenvolvessem suas potencialidades e aprendizagens no âmbito do espaço e do tempo, replanejando as atividades da rotina a serem desenvolvidas junto às crianças.

Diante de todo esse contexto apresentado, percebo a importância do espaço em que a criança está inserida para o desenvolvimento, aprendizagem e bem-estar da mesma. Nessa vivência, acerca da gestão escolar, de uma gestão não centralizadora, mais democrática e participativa. Aprendi ao longo dessa prática que era necessário o coordenador oferecer um ambiente com ótimas condições e que estimulasse e favorecesse o desenvolvimento harmonioso e integral de crianças em seus primeiros três anos de vida.

Sabendo que, dentre outras atribuições, era minha responsabilidade buscar condições de estabelecer um clima de boas relações dentro da creche, entre todos os seus membros, as crianças, seus pais ou responsáveis; e em especial, cuidar da relação adulto-criança. Ao me dar conta de que o êxito de nosso

trabalho estaria intimamente ligado à qualidade das relações de toda equipe, fui me aperfeiçoando e buscando condições de garantir a construção de um trabalho em grupo pautado em um estilo mais democrático de organização, o que nos tornou mais exigentes com relação à expectativa de qualidade do ambiente e o cuidado oferecido às crianças.

Desses aspectos de cuidados derivam conseqüentemente toda organização e funcionamento da creche, o que, sem dúvida, deverá ser o ponto central do trabalho da coordenação: uma estrutura que dê conta de delegar responsabilidades ao grupo no sentido de causar, dentre outras, a oportunidade de crescimento profissional.

A constituição de uma equipe perpassa por objetivos que devem ser claros. A comunicação tem uma enorme relevância nesse aspecto, bem como todo o aporte organizacional que vai desde a preparação de uma reunião até a aprendizagem de lidar e de mediar conflitos e dificuldade maiores, buscando assim oferecer um atendimento de alta qualidade, em que o bem-estar físico e emocional do grupo deve ser primordial e que não poderá deixar de ser considerado.

Para apresentação desta pesquisa, o texto se organiza em quatro capítulos. O primeiro que se constitui como texto introdutório e no segundo capítulo, encontra-se o referencial teórico, que destaca a relevância e a fundamentação abordada na temática. É nesse capítulo que o diálogo com os autores citados anteriormente acerca da relação que se estabelece entre as concepções de infância e Educação Infantil e como isto ocorre na execução da proposta pedagógica e da atuação do coordenador pedagógico.

No terceiro capítulo, apresento os procedimentos metodológicos da investigação. Discorro sobre a metodologia utilizada na pesquisa, qual linha investigativa uso como instrumento de estudo e abordo as estratégias de coletas de dados utilizadas, tais como a observação e entrevistas semiestruturadas. É também nesse capítulo que apresento o cenário em que se desenvolve a pesquisa, ou seja, as duas creches municipais, e por último, a caracterização dos sujeitos pesquisados.

Por sua vez, no quarto e último capítulo, discorro sobre os dados coletados e faço o diálogo com o referencial teórico apresentado anteriormente. Nesse

capítulo, tento constatar as hipóteses por mim elencadas e outras descobertas que não havia cogitado.

Por fim, nas considerações finais, faço o fechamento de toda a trajetória da pesquisa e de seus achados mais significativos.

## **CAPÍTULO 1: “MENINA, ACORDA; TÁ NA HORA DE IR PRA ESCOLA!”**

Sabe-se que, no cotidiano da creche, dependendo da ação pedagógica e das interações nela ocorridas, as crianças usufruirão de condições que oportunizem o seu pleno desenvolvimento. Como coloca Horn (2004, p.17):

A união do sujeito com o ambiente desempenha um papel fundamental. Por isso, em um ambiente sem estímulos, no qual as crianças não possam interagir desde a mais tenra idade umas com as outras, com os adultos e com objetos e materiais diversos, esse processo de desenvolvimento não ocorrerá em sua plenitude.

Cruz (1996 p.7) também assegura que “[...] a organização dos tempos e dos espaços tenha como preocupação maior garantir uma vivência plena da infância, isto é, tenha realmente como foco a criança”. Compreende-se com isso, que o ambiente físico exerce uma grande influência sobre a qualidade das experiências que serão ofertadas às crianças. Por isso, conforme estabelece a Resolução CNE/SEB nº 05/2009, é importante manter o espaço da creche de forma a assegurar o conforto e o aconchego da criança, bem como o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, motor, social e espiritual. A aparência desses espaços deve ser prazerosa e interessante para as crianças e os adultos explorarem.

Traçando um paralelo das vivências nos espaços escolares e ainda das experiências da Educação Infantil, buscam-se estudos que instiguem a compreensão dessa realidade ante os desafios que se configuram na prática. Essas elucidações permitem uma compreensão da real configuração das estruturas instaladas que inadequadamente atendem as crianças das classes pobres. Permeando tantas contradições, autores afirmam que:

Durante o período de atividades livres, geralmente se observa várias crianças cuidadas por um só adulto, em espaços vazios contendo pouco mobiliário, objetos e equipamentos. Este tipo de ambiente não favorece interação, seja entre criança – adulto ou entre crianças, sobretudo entre as menores de 3 anos, período no qual as habilidades verbais e sociais estão se desenvolvendo. (SECAF SILVEIRA, *apud* CARVALHO & RUBIANO, 1990, p.130-131)

Ao encararmos esses espaços pensados, projetados e organizados levando em consideração as diferentes necessidades de cada criança, sua individualidade e singularidade, faixa etária e fase de desenvolvimento em que se

encontram, necessita-se conduzir em pauta de discussão a defesa de pensamentos como os citados nos Indicadores de Qualidade na Educação Infantil (MEC/SEB, 2009) que ressaltam a necessidade de se buscar coletivamente propostas que assegurem:

Favorecer múltiplas opções para as crianças desenvolverem suas potencialidades e aprendizagens no âmbito do espaço e do tempo; Incentivar a autonomia das crianças na exploração dos espaços, objetos e materiais, bem como, nas ações de cuidado pessoal e higiene; e significativamente reduzir o tempo de espera das crianças na realização das atividades. (BRASIL. CNE/SEB, 2009)

Essa afirmação nos remete à conclusão de que a organização dos espaços nas instituições de Educação Infantil está intimamente ligada à concepção de que os educadores possuem em relação à criança e à infância. A relação que se estabelece entre essas concepções, a construção da proposta pedagógica e o papel que o coordenador pedagógico exerce nessa articulação é o que se propõe a refletir no item a seguir.

### **1.1 Que Brincadeira é essa?**

Ao realizar um trabalho em que a prática pedagógica nos leva a uma reflexão e esta nos faz agir, deve-se considerar a concepção de criança que se está defendendo. Concordamos com Oliveira quando a autora afirma que “[...] partimos de uma visão sociointeracionista do desenvolvimento humano, pois consideramos o homem um ser em constante mudança, interativo com o seu meio que o torna simbólico e histórico” (OLIVEIRA, 2008, p.16).

Os conceitos de infância, criança e desenvolvimento infantil, passaram por muitas transformações ao longo dos tempos, principalmente a partir do final do século passado. Nesse período, graças ao avanço em algumas áreas do conhecimento (Sociologia, Psicologia, Antropologia e Pedagogia), foram produzidas importantes modificações na maneira de pensar e perceber a criança pequena.

Rizzo (2010) por exemplo, traz uma compreensão de que a criança

[...] é um todo indivisível, peculiar e único, com suas potencialidades e dificuldades, assim sendo deve-se valorizar mais a integridade

psicológica da criança, do que uma visão centrada em características isoladas de sua personalidade. Rizzo (2010, p.81).

Esse pensamento coaduna-se com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) de 2009. Quando estabelece no Art. 3º, parágrafo III, que:

As Instituições de Educação Infantil devem promover em suas Propostas Pedagógicas, práticas de educação e cuidados, que possibilitem a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivo/linguísticos e sociais da criança, entendendo que ela é um ser completo, total e indivisível. (BRASIL. CNE/SEB, 2009)

Essa proposição direcionada às propostas pedagógicas e prevê uma adequação dos espaços de forma a possibilitar a organização do ambiente como facilitador da ação pedagógica. Bem como possibilita a compreensão de que o comportamento e a conduta das crianças, são inteiramente influenciados pelas interações das crianças pequenas e adultos em ambientes coletivos.

Pensando em um ambiente que respeite a individualidade da criança e suas possibilidades de escolhas, os estudos referentes ao ambiente e à rotina da creche se fazem necessários. Conforme afirma Horn (2004):

A união do sujeito com o ambiente desempenha um papel fundamental. Por isso, em um ambiente sem estímulos, no qual as crianças não possam interagir desde tenra idade umas com as outras, com os adultos, e com objetos e materiais diversos, esse processo de desenvolvimento não ocorrerá em sua plenitude. HORN. (2004, p.17)

A Proposta Pedagógica de Educação Infantil do Município de Fortaleza (Mar 2009) explicita como objetivo maior da rotina das creches e Centros de Educação Infantil vinculados à Prefeitura Municipal de Fortaleza, o bem-estar das crianças, possibilitando que o trabalho educativo desenvolvido pelos profissionais da instituição possa ter benefícios a curto, médio e longo prazo na vida das crianças ali atendidas. No entanto, essa rotina deve ser planejada, pois toda ela é um ato pedagógico, tendo o professor consciência ou não disto. Em relação a isto, David & Weinstein (1987) afirmam:

Mostram que os ambientes pensados e construídos para as crianças devem atender a cinco funções relativas ao desenvolvimento infantil para que se possa promover: Identidade pessoal, Desenvolvimento de competências, Oportunidades para crescimento, Sensação de segurança e confiança e Oportunidade para o contato social e privacidade. (David & Weinstein, 1987 *apud* Carvalho & Rubiano, 1995, p. 107)

Conforme tais autores, devemos pensar em criar um ambiente que promova e atenda a cinco funções relativas ao desenvolvimento infantil:

a) Identidade pessoal – a creche que faz um trabalho que permite às crianças deixarem suas marcas, trazendo seus brinquedos, promove a ligação afetiva da criança com a creche, assim pode ser desenvolvida a individualidade e a identidade.

b) Desenvolvimento de competência – os recantos colaboram para sensação de competência, pois facilitam a criança planejar e executar atividades sem muitas interrupções, dessa maneira o ambiente infantil deve ser planejado para dar oportunidade às crianças desenvolverem domínio e controle sobre o seu ambiente, fornecendo instalações físicas convenientes para que as crianças satisfaçam às suas necessidades – tomar água, pegar roupas e toalhas, acender e apagar luzes, ter fácil acesso as prateleiras e estantes com materiais, as mesas e cadeiras – sem assistência constante.

c) Promover oportunidades para o crescimento – um ambiente ideal deveria oferecer oportunidades frequentes para a criança aprender a se mover e controlar o próprio corpo no espaço, convidando a movimentos tais como: sentar, balançar o próprio corpo, engatinhar, saltar, subir, correr, pular, agarrar-se, pendurar-se, curva-se e virar-se. É importante que as crianças façam movimentos coordenados para experimentar seu corpo no espaço e conhecer o espaço através de seu corpo.

d) Promover Sensação de segurança e confiança – sentir-se segura e confiante são aspectos essenciais que permitem à criança explorar o ambiente.

e) Promover Oportunidade para o contato social e privacidade – um ambiente deve ser planejado, tanto em termos de espaço, como de objetos disponíveis para atender ambas as necessidades, de contato social e de privacidade. Espaços privados fornecem oportunidades para expressar e explorar sentimentos especialmente os de raiva, angústia e frustração, longe do olhar de outros; serve para a criança retirar-se momentaneamente do ritmo rápido do grupo ou para um descanso para novas situações.

Quase sempre percebemos a organização desses espaços como ambientes que necessitam de um planejamento pensado com e para as crianças, pois geralmente eles são organizados para atender às obrigações dos adultos ou dos grupos, sem considerar as necessidades e desejos das crianças, privando-os

de oportunidade de escolha e comprometendo sua privacidade e o desenvolvimento da identidade pessoal.

As instituições de Educação Infantil devem oferecer espaço limpo, seguro e voltado para garantir a saúde infantil, bem como se organizar como ambientes acolhedores, desafiadores e inclusivos, plenos de interações, explorações e descobertas partilhadas com outras crianças e com o professor. Elas ainda devem criar contextos que articulem diferentes linguagens e que permitam a participação, expressão, criação, manifestação e consideração de seus interesses (RCNEI, 1998).

Cruz (1996) ressalta a importância de, ao invés de se pensar em uma organização mais prática ou cômoda para os adultos que trabalham na entidade, se dar prioridade aos interesses e necessidades da criança:

A organização da rotina deve, portanto, contemplar ao máximo as necessidades das crianças. E essa rotina precisa ser flexível, mesmo porque as crianças têm diferentes ritmos, inclusive ritmos biológicos. Uma rotina que respeite essas diferenças não pode prever horários e durações rígidos para a alimentação, para a satisfação das necessidades fisiológicas de urinar e defecar, para o sono etc. (CRUZ, 1996, p.8)

Sabe-se que o educar e o cuidar são necessários em todo processo educativo e que, na Educação Infantil, o acolhimento é imprescindível. É fundamental que os educadores estejam conscientes de que essas ações devem, na verdade, estar sempre integradas e que esse acolhimento passe primeiramente pela organização do espaço da instituição e que este não deve jamais se constituir em um conjunto de condições físicas desanimadoras e caóticas.

Dessa maneira devemos ter a clareza de compreender que os profissionais da creche precisam estar no seu ambiente de trabalho e olhar para as coisas de um ponto de vista mais amplo: perceber as crianças das quais elas cuidam e refletir sobre suas observações, além de levar em consideração que o bom andamento das atividades decorre de um planejamento cuidadoso desse ambiente, conforme afirmam Pol e Morales (1998, p.235-236):

O educador(a) não pode conformar-se com o meio tal como lhe é oferecido, deve comprometer-se com ele, deve incidir, transformar, personalizar o espaço onde desenvolve sua tarefa, torná-lo seu, projetar-se, fazendo deste espaço um lugar onde a criança encontre o ambiente necessário para desenvolver-se.

Evidentemente, cada criança possui um ritmo pessoal de desenvolvimento, uma forma de ser e de se comunicar e que, quando chegam ao mundo, necessitam mais de cuidados e atenção para sobreviverem. Mas essa dependência também o torna capaz de aprender com o outro e a adaptar-se aos mais variados ambientes e situações. Dessa forma, durante essa fase da vida, percebe-se esta interessante contradição: uma grande imaturidade motora, mas também seres potentes no campo das relações sociais, o que os possibilita interagir com as outras pessoas que irão introduzi-los na cultura e que interpretarão o mundo com eles tanto em se tratando de ambientes educacionais quanto em suas famílias.

Essa era uma tarefa destinada somente à família, mas que hoje precisa ser compartilhada com outras pessoas e instituições. A instituição deve oportunizar momentos de interação com as famílias para que estas compreendam as dificuldades de suas crianças, cada forma específica de comportamento em relação aos cuidados e a adaptação das crianças no ambiente da creche.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI, 2009) definem as escolas infantis como instituições abertas às famílias e à comunidade, sendo constituído como direito da criança frequentar este espaço social, que deverá possibilitar a ampliação de saberes e conhecimentos e valorizar a ludicidade, a sensibilidade, e a criatividade.

Os adultos devem pensar a organização desses espaços levando em consideração as propostas pedagógicas de cada instituição e criando um ambiente cultural de maneira a propiciar significativamente as escolhas das crianças, observando a segurança e o estímulo à autonomia e à cooperação.

Uma função importante de ser considerada diz respeito ao contexto sociocultural no qual está pautada a proposta pedagógica. Pois, como bem esclarece (Oliveira, 1995, p.117),

É necessário salientar que os comportamentos infantis são influenciados pelo ambiente fornecidos pelos adultos de acordo com seus objetivos pessoais, construídos com base em suas expectativas culturais relativas aos comportamentos e desenvolvimento infantis.

Assim sendo, a coordenação pedagógica se apresenta como ator principal na articulação dos sujeitos envolvidos no atendimento à criança em instituições de educação Infantil e à efetivação da proposta pedagógica.

## 1.2 O Coordenador Pedagógico e seu papel na escola

A figura do coordenador pedagógico nas instituições de ensino tem se tornado cada vez mais relevante. Este profissional tem como atribuição, a função de formador e articulador do processo ensino-aprendizagem. Atuando com essas duas habilidades, o mesmo torna-se responsável pelo desenvolvimento do currículo e pela obtenção dos objetivos escolares.

Segundo Horn (2004, p.14) “[...] Investir na formação dos profissionais que atuam nessa área é um dos caminhos a serem seguidos.” E, no caso específico dos profissionais que atuam na Educação Infantil, a autora complementa que:

Historicamente, esses educadores, em sua grande maioria, sobretudo os que atendem a demanda das camadas mais empobrecidas da população, têm sua prática ancorada no fato de ter paciência, de gostar de criança, de não ter uma formação profissional de um trabalho próximo a suas casas, etc. (HORN, 2004, p.14)

Há uma imposição cada vez maior do coordenador não só mergulhar nesse conhecimento à sua disposição, mas, sobretudo, transformar esse conhecimento, estabelecer elos e ressignificar a sua prática. A teoria deve estar a serviço de um fazer, de um buscar constante, e não ser um fim em si mesmo. Isso não quer dizer que não se possa contestar uma teoria, até porque o que é dito hoje pode não vir a sê-lo amanhã. O conhecimento é dinâmico. Ele surge a partir de necessidades, inquietações para compreender determinados fenômenos, mas pode modificar-se a partir do momento em que surgem novas pesquisas.

## **CAPÍTULO 2 A METODOLOGIA**

Partindo do princípio de que a pesquisa é mais do que uma descrição formal de métodos e técnicas e que indica essencialmente a leitura sistemática que o pesquisador faz de seu objeto de estudo, bem como a apresentação dos objetivos pesquisados, descrevemos aqui o percurso deste trabalho.

Neste capítulo, apresentamos a abordagem e o tipo de estratégias utilizadas para a realização da pesquisa, para qual usamos o recurso da investigação qualitativa, com algumas características de uma pesquisa etnográfica. Inicialmente traçamos uma breve exposição acerca dessa abordagem metodológica e posteriormente apresentamos a descrição das instituições pesquisadas com suas respectivas características e particularidades.

### **2.1 Um breve olhar sobre a Pesquisa**

Segundo Bogdan e Biklen (1994, p.83) “Em investigação qualitativa, uma das estratégias utilizadas baseia-se no pressuposto de que muito pouco se sabe acerca das pessoas e ambientes que irão constituir o objecto de estudo”.

O momento do escrever é marcado por interpretações do olhar e do ouvir. Textualizar a nossa cultura ou a observação sobre ela é bastante complexo, pois exige atenção para alguns hábitos de escrever, como a autonomia do autor na hora da transformação dos dados observados,

Porém, essa autonomia epistêmica não está, de modo algum, desvinculada dos dados – quer de sua aparência externa, propiciada pelo olhar; quer de seus significados íntimos ou do “modelo nativo”, proporcionado pelo ouvir”. (OLIVEIRA, 2000, p.27)

A história da etnografia na educação torna-se evidente a partir do final da década de 1970, quando surge a preocupação e o interesse dos pesquisadores em compreender o cotidiano escolar analisar a sala de aula e avaliar o currículo.

Na etnografia, o pesquisador-observador não tem a intenção de comprovar teorias e sim descrever, compreender os múltiplos significados do objeto pesquisado. Segundo André (1995, p.37), “[...] a investigação de sala de aula

ocorre sempre num contexto permeado por uma multiplicidade de sentidos que, por sua vez, fazem parte de um universo cultural que deve ser estudado pelo pesquisador.”

Etnografia significa, etimologicamente, uma descrição de culturas e é utilizada pelos antropólogos como uma forma de pesquisa para estudar a cultura e a sociedade. Nesta vertente, segundo André (1995), o termo abrange dois sentidos: o primeiro refere-se às técnicas que servem para coletar dados sobre os valores, crenças, práticas e comportamentos de um determinado grupo social; o segundo é um relato por escrito do resultado do emprego destas técnicas durante a pesquisa.

No processo educativo, são realizados estudos deste tipo, os quais são uma adaptação da etnografia desenvolvida pelos antropólogos, o que faz com que alguns requisitos da etnografia não sejam cumpridos pelos pesquisadores, como por exemplo, uma grande permanência do estudioso em campo, um contato com outros tipos de cultura etc. Como afirma André (1995, p.30), “o que esse tipo de pesquisa visa é a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade.”

Portanto, estes elementos fundamentais em uma pesquisa se configuram neste trabalho; porém, não em profundidade, como a pesquisa etnográfica requer, mas como um ensaio para um aprofundamento posterior.

Assim sendo, um trabalho em educação pode caracterizar-se como pesquisa etnográfica, quando ele faz uso de algumas técnicas etnográficas, como observação participante, entrevista intensiva e análise de documentos.

A observação é chamada de participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado. As entrevistas têm a finalidade de aprofundar as questões e esclarecer os problemas observados. Os documentos são usados no sentido de contextualizar o fenômeno, explicitar suas vinculações mais profundas e completar as informações coletadas através de outras fontes. (ANDRÉ, 1995, p.28)

Embora não tendo utilizado em profundidade as estratégias da pesquisa etnográfica, citada anteriormente, considero que este trabalho possui características que indicam a mesma como um caminho a ser trilhado.

A razão de utilizarmos a metodologia da pesquisa etnográfica no contexto da creche deve-se ao fato de que este tipo de pesquisa permite um contato mais

direto do pesquisador com o objeto estudado, para entender o cotidiano, a dinâmica das relações, a organização do trabalho, o papel e a atuação dos sujeitos na instituição.

Neste sentido, o estudo da prática escolar não pode se restringir a um mero retrato do que se passa no seu cotidiano, mas deve envolver um processo de reconstrução dessa prática, desvelando suas múltiplas dimensões, refazendo seu movimento, apontando suas contradições, recuperando a força viva que nela está presente. (ANDRÉ, 1995, p.42)

O processo etnográfico dever ser flexível e aberto, mas é necessário que se tenha um enfoque e que seja definida uma perspectiva teórica para que possa orientar a análise e a interpretação do pesquisador sobre o objeto em estudo durante toda a pesquisa.

Outro fator importante, quando se pensa em estudar o ambiente da creche, é entender o dinamismo do espaço, as dimensões que compreendem esta dinâmica social. André (1995) cita pelo menos três tipos de dimensão: a institucional ou organizacional, a instrucional ou pedagógica e a sociopolítica/cultural:

A dimensão institucional ou organizacional envolve os aspectos referentes ao contexto da prática escolar: formas de organização do trabalho pedagógico, estruturas de poder e de decisão, níveis de participação dos seus agentes... enfim, toda a rede de relações que se forma e transforma no acontecer diário da vida escolar.

[...] A dimensão instrucional ou pedagógica abrange as situações de ensino nas quais se dá o encontro professor-aluno-conhecimento. Nessas situações estão envolvidos os objetos e conteúdos do ensino, as atividades e o material didático, a linguagem e outros meios de comunicação entre professor e alunos e as formas de avaliar o ensino e a aprendizagem.

[...] a sociopolítica/cultural, que se refere ao contexto sociopolítico e cultural mais amplo, ou seja, aos determinantes macroestruturais da prática educativa. Esse âmbito de análise inclui uma reflexão sobre o momento histórico, sobre as forças políticas e sociais e sobre as concepções e os valores presentes na sociedade. (ANDRÉ, 1995, p.42-44)

Estes aspectos são considerados de extrema importância para uma pesquisa da prática pedagógica no contexto diário de uma instituição e não podem ser trabalhados isoladamente e sim em suas múltiplas inter-relações.

O desconhecimento dos princípios básicos da etnografia, a falta de clareza sobre o significado da teoria na pesquisa e a dificuldade em pensar a questão da

objetividade versus a participação é que traz à tona alguns problemas relacionados à prática da pesquisa.

Um exemplo disto é confundir a descrição pormenorizada, como a técnica de coleta de dados, com a observação participante que descreve os significados culturais dos sujeitos estudados. Outro problema é apresentar os dados tais como são, sem nenhum questionamento, sem uma leitura crítica, uma descrição densa.

Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. (GEERTZ, 2008, p. 20)

Segundo André (1995), transcrever textos, selecionar informantes, mapear campos e estabelecer relações são técnicas que determinam a prática da etnografia, mas não são só estes procedimentos que definem a prática etnográfica; há ainda o tipo de esforço intelectual do pesquisador.

Descrever uma cultura é pensar nela como um ser humano que passa a ser um enigma completo para outro ser humano. Segundo Geertz (2008, p. 25),

[...] a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade. (GEERTZ, 2008, p. 25)

Conhecer os fenômenos sociais através de três maneiras (o olhar, o ouvir e o escrever) e produzir conhecimento, a princípio nos parece bem familiar, mas estes atos cognitivos assumem um sentido fundamental e próprio na construção do nosso saber, por isso não podemos dispensá-los em um estudo.

O pesquisador precisa ter o olhar preparado para a investigação. Quando dirigimos nosso olhar para um objeto, o mesmo já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualização baseado nos estudos apreendidos anteriormente. Assim, o objeto de pesquisa não é visto como uma mera curiosidade, diante do diferente e sim observado com um olhar sensibilizado pela teoria estudada.

O ouvir complementa o olhar e, juntos, dão subsídios ao pesquisador no seu trabalho. O pesquisador precisa ter habilidade de ouvir o pesquisado e por ele ser igualmente ouvido, criando um diálogo sem interferências, sem contaminação do discurso, como ressalta Cardoso de Oliveira (2000, p.24): “O ouvir ganha em

qualidade e altera uma relação, qual estrada de mão única, em uma outra de mão dupla, portanto, uma verdadeira interação.”

## **2.2 As estratégias da pesquisa**

A abordagem utilizada nessa pesquisa é a qualitativa, que visa fundamentar a pesquisa com características de uma orientação etnográfica, com estratégias de observação e aplicação de um questionário semiestruturado.

Tendo como certo que a orientação de nossa pesquisa é basicamente constituída de características de uma pesquisa etnográfica, destacamos o profissional “coordenador pedagógico”, como sujeito com referencial norteador, suas narrativas sobre a prática profissional e suas percepções acerca da organização dos espaços no contexto de creches. Neste estudo especificamente, trabalhamos com 02 (dois) profissionais.

Nesta relação entre pesquisados e objetos da pesquisa, relacionamos as histórias, os valores, as concepções e os costumes que, de acordo com a orientação, mediação e coordenação que desempenham dentro da creche, possibilitarão uma prática educativa das educadoras que envolvem a ação, reflexão e ação sobre o espaço e a sua organização, no sentido de oferecer um ambiente que priorize a qualidade e que tenha a preocupação com o ambiente para o desenvolvimento infantil.

As técnicas elegidas e utilizadas nesta pesquisa são as observações dos espaços de creches em seu cotidiano e um questionário semiestruturado, no qual os participantes da pesquisa descrevem os aspectos do contexto da organização dos ambientes de creche tendo como base a sua prática profissional.

A pesquisa teve duração no ano de 2014 nos meses de abril a dezembro, e deu-se com a primeira visita as creches no mês de abril, onde foi realizada nessa primeira visita os acordos sobre a autorização da pesquisa por parte das coordenadoras e do Distrito de Educação III e uma conversa inicial. Após esse momento inicial, tivemos contato direto com as coordenadoras e ficou acordado que a pesquisa seria realizada em visitas de observação e a aplicação do questionário semiestruturado, sendo que cada sessão teria duração de 01 (uma hora). Nos meses de abril e maio a observação deu-se em torno de estabelecer

uma relação com os sujeitos pesquisados no sentido de fortalecer uma relação menos formal, para proporcionar um clima de confiança com os sujeitos investigados.

Em junho houve o encerramento do semestre letivo nas creches com as festas juninas, nas quais tivemos a oportunidade de estar presente para participarmos, embora de forma limitada, com o intuito de sermos empático e ao mesmo obstande, reflexivos nas observações.

Em julho as instituições não funcionaram em decorrência das férias escolares e em agosto e nos meses posteriores retomamos com as observações e a aplicação do questionário, e assim prosseguimos com os objetivos da investigação.

### **2.3 O Contexto das Instituições Pesquisadas**

Com o propósito de embasar as reflexões dessa pesquisa e partindo de questões levantadas nos processos de formação acerca da organização dos espaços escolares como contextos sociais, políticos – e por que não dizer econômicos, uma vez que os serviços destinados às crianças pequenas configuram-se a partir de aspectos referentes à organização e aos recursos destinados a Educação Infantil –, é que trago a seguir um breve resgate político e social do contexto em que se inserem as instituições pesquisadas.

As instituições pesquisadas são creches públicas que atendem crianças de um a três anos, na Rede Municipal de Educação de Fortaleza, especificamente no Distrito Educacional III, que é constituído por 378 mil habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Esta população está distribuída em seus 17 bairros: Amadeu Furtado, Antônio Bezerra, Autran Nunes, Bonsucesso, Bela Vista, Dom Lustosa, Henrique Jorge, João XXIII, Jóquei Clube, Olavo Oliveira, Padre Andrade, Parque Araxá, Pici, Parquelândia, Presidente Kennedy, Rodolfo Teófilo e Quintino Cunha.

A escolha das referidas creches deu-se por estas estarem contempladas no Programa de Formação da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza (2013), bem como o fato das mesmas fazerem parte de minha área de acompanhamento pedagógico, quando atuei como formadora no citado Distrito,

ocasião em que pude observar o trabalho que ali era desenvolvido. Desta forma, a realização da pesquisa neste *locus* me permitirá perceber a efetivação do trabalho exercido pelo coordenador pedagógico.

Nessa perspectiva, a pesquisa ocorreu em duas creches públicas da Rede Municipal de Fortaleza, localizadas nos Bairros de Antônio Bezerra e Dom Lustosa. Podemos mencionar que esses bairros têm uma grande proximidade e que, com isso, criou-se uma conexão entre os mesmos, apresentando, assim, características semelhantes. Os mesmos possuem uma maior facilidade de acesso ao transporte público, mas sua população tem um dos IDH mais baixos da SER III, 348 (Antonio Bezerra) e 340 (Dom Lustosa) respectivamente, segundo dados do IBGE.

A creche do Bairro Antônio Bezerra atende, dentre outros, os moradores dos bairros Olavo Oliveira e Quintino Cunha. Já a creche do Bairro Dom Lustosa atende os moradores dos Bairros, Pici e Henrique Jorge. Portanto, embora tendo uma proximidade geográfica, as duas creches atendem públicos de situações econômicas diferentes.

Segundo informações da própria SER III na pessoa do gestor da Secretaria, dentre outros objetivos, o seu principal compromisso é com a população, no sentido de identificar as necessidades e demandas, bem como promover o desenvolvimento urbano, ambiental e social. Para tanto, a Executiva Regional III conta com 38 escolas patrimoniais, 12 centros de Educação Infantil e 12 creches, totalizando 62 instituições. No caso específico dos bairros onde se inserem as creches pesquisadas, os mesmos possuem esta estrutura:

- Bairro de Antônio Bezerra – situa-se a oeste do centro da cidade de Fortaleza e apresenta uma área de 2,338 km<sup>2</sup> e uma população de 25.846 habitantes. Com um IDH de 0,340 e com alguns problemas sociais, possui dentre seus equipamentos públicos: cinco escolas municipais, três creches, dois Centros de Saúde e um Hospital Distrital. Para lazer da população, podemos mencionar cinco praças.

O bairro Antônio Bezerra fica situado ao oeste do centro de Fortaleza e está localizado na Secretaria Executiva Regional III. Nesse bairro localizam-se dentre outros equipamentos o Terminal Urbano do Antônio Bezerra e o Terminal Rodoviário de Antônio Bezerra.

Essa área caracteriza-se por possuir um considerável centro comercial, mas também compreende uma população de baixa renda, que migrou para o bairro, principalmente durante o século XX, em função dos graves problemas habitacionais. Em decorrência de uma explosão demográfica, hoje ainda é desprovido de uma infraestrutura básica de qualidade, carecendo de mais serviços, como posto de saúde, áreas de lazer, ruas pavimentadas, rede de saneamento e outros dispositivos sociais que proporcionem à população mais qualidade necessária para a condição da vida humana.

- Bairro Dom Lustosa - também localizado na zona oeste de Fortaleza, tem uma área de 1,810km<sup>2</sup> e uma população de 26.994 habitantes. Com o mesmo IDH do bairro Antônio Bezerra, 0,340, também possui problemas sociais e econômicos. À disposição da sua população possui os seguintes equipamentos públicos: quatro Escolas municipais, uma creche, um Centro de Saúde e um Centro Social Urbano. O bairro Dom Lustosa possui, portanto, menos equipamentos públicos do que o bairro Antônio Bezerra, fato que talvez se explique por sua extensão geográfica, já que o mesmo é aproximadamente 23% menor que o outro bairro. Entretanto, no que concernem as praças, ele possui seis no total, constituindo-se assim com mais espaços públicos de lazer.

### **2.3.1 Conhecendo as Creches pesquisadas**

A Creche A está localizada no bairro de Antônio Bezerra e é vinculada a uma escola municipal. Atende crianças na faixa etária de um a quatro anos, que são na sua maioria moradoras da comunidade do bairro Antônio Bezerra, Quintinho Cunha e Dom Lustosa.

Até o ano de 2008, a creche que será parte desta pesquisa era conveniada com a Prefeitura, sendo administrada por uma associação comunitária. Somente no ano supracitado, passou a ser administrada totalmente pela gestão da Prefeitura Municipal de Fortaleza.

De acordo com informações obtidas na Proposta Pedagógica da Creche A, os pais têm pouca escolaridade e vivem, em sua maioria, com um salário-mínimo ou menos que isto. Grande parte das mães são diaristas ou empregadas domésticas e algumas recebem benefícios sociais do governo para complementar a renda familiar.

O funcionamento da referida creche, ocorre de segunda a sexta-feira, de 7h às 17h. No total, são 123 crianças atendidas, sendo agrupadas em turmas de 20 crianças, de acordo com a faixa etária. São crianças de um a quatro anos de idade, distribuídas da seguinte forma: no Infantil I, encontram-se as crianças entre um e dois anos; no Infantil II, estão as crianças entre dois e três anos; e, no Infantil III e IV, são ofertadas vagas para crianças de três a quatro anos. As salas do Infantil I, II e III contam com uma auxiliar de serviços educacionais e uma professora.

Fazem parte do corpo de profissionais da Creche A, a coordenadora pedagógica, ocupando também o cargo de Supervisora Escolar da Secretaria Municipal de Educação e com formação em Pedagogia e especialização em Gestão Escolar, e mais 18 profissionais no total, com níveis de escolaridade diferenciados. As professoras e a coordenadora possuem graduação e especialização, duas auxiliares educacionais possuem nível superior completo e duas possuem superior incompleto. Existem ainda três funcionários com nível médio e os demais possuem nível fundamental.

Quanto à estrutura física, a Creche A possui uma área externa com brinquedos e um tanque de areia com parquinho, onde as crianças tomam banho de sol todos os dias enquanto brincam e interagem com as outras turmas. Há também um jardim com grama, local relativamente pequeno, que contribui para aumentar o contato das crianças com a natureza.

Na parte interna, existem cinco salas de atividades, uma cozinha, um pátio, uma sala de coordenação, um almoxarifado, dois banheiros para os funcionários e demais adultos e um banheiro coletivo grande com cinco vasos sanitário infantil e uma pia na altura das crianças. As salas são relativamente amplas e iluminadas naturalmente, existem algumas prateleiras para os brinquedos e livros, também armários para guardar os materiais pedagógicos e de uso pessoal das crianças. Na área de circulação interna, ficam os brinquedos de uso coletivo: motinhas, uma bicicleta e livros.

O pátio interno é reservado para a alimentação e para as atividades extraclasse. O banheiro infantil conta com três pias e quatro sanitários, que apesar de serem no tamanho adaptado, não é adequado para as crianças do infantil I e II e estão em condições precárias de uso, pois algumas estão com vazamentos.

O espaço da creche é pequeno para a quantidade de crianças e vale mencionar que a caixa d'água que abastece a instituição não tem capacidade suficiente para suprir toda demanda, sendo necessário que algumas crianças tomem banho no corredor lateral onde é armazenada água em recipientes de plástico.

Como recursos pedagógicos a instituição possui um teatro de fantoches, uma televisão, um aparelho de DVD, uma máquina fotográfica, um computador com impressora e fax, um aparelho de som grande para as atividades coletivas e quatro pequenos, um para cada sala. Existem outros equipamentos: furadeira, geladeira, fogão, máquina de lavar, liquidificador, que favorecem as ações desenvolvidas junto às crianças.

Em relação à segunda instituição pesquisada, constata-se, conforme dados da Proposta Pedagógica da Creche B, que a maioria das crianças ali atendidas possui vários tipos de configuração familiar. Elas residem nas proximidades da instituição, algumas em casa própria, mas a grande maioria em casas alugadas, com aproximadamente cinco pessoas por casa. Poucas famílias relatam participar de grupos religiosos e têm o Centro de Cidadania e Direitos Humanos (CCDH) como referência tanto para atendimento no posto de saúde como nos finais de semana para práticas esportivas e de lazer.

O nível de instrução dos responsáveis pelas crianças é bastante variado: o Ensino Médio, na sua maioria; alguns são analfabetos; outros possuem apenas o Ensino Fundamental completo; e somente poucos têm o nível superior. Foi possível perceber que a instituição não tabulou dados referentes a essas informações.

Quanto à questão de aspectos econômicos dos responsáveis pelas crianças, os dados colhidos na Creche B mostram que os mesmos apresentam ocupações diversificadas, tais como: porteiros, empregadas domésticas, pedreiros, serventes de pedreiro, vendedores ambulantes, mecânicos e auxiliares de serviços gerais, apresentando renda mensal total equivalente a um salário-

mínimo. A maioria deles é beneficiada pelo programa Bolsa Família, do Governo Federal.

No que se refere aos profissionais que compõem a Creche B, especificando os cargos, funções, habilitações e níveis de escolaridade, temos o seguinte quadro atualmente:

- ✓ Uma coordenadora pedagógica, com Especialização em Educação Infantil e Gestão Escolar e Especialização em Mídias na Educação;
- ✓ Sete professoras efetivas com formação em Pedagogia;
- ✓ Duas professoras substitutas com formação em Pedagogia
- ✓ Cinco auxiliares educacionais: três com formação em pedagogia e duas com nível médio.
- ✓ Duas funcionárias de serviços gerais com nível médio.
- ✓ Duas manipuladoras de alimentos: uma com nível médio e outra com nível fundamental.
- ✓ Quatro vigilantes de uma Empresa de Segurança: três com escolaridade em nível Médio e um com nível superior.

A estrutura física do prédio possui: cinco salas de atividades, sendo quatro no estilo do padrão das creches<sup>1</sup> construídas na gestão do prefeito Juraci Magalhães e uma sala adaptada no espaço que antes era destinado à Brinquedoteca; duas áreas laterais e uma externa (entrada); um pequeno pátio, espaço adaptado para refeitório; banheiro infantil coletivo, adaptado para as crianças; banheiros para adultos, feminino e masculino; cozinha; depósito de alimentos com dispensa; sala da coordenação; e dois pequenos almoxarifados.

Nas salas de atividades, existem armários para guardar materiais pedagógicos e de higiene pessoal, dentre outros; estantes com os brinquedos; expositor de livros com coleções de literatura infantil para dinamizar as atividades de música e contação de histórias; mesas, cadeiras e os cantinhos de leitura, de musicalização, da fantasia e imaginação. Cada sala dispõe de dois ventiladores que, embora necessitando de manutenção, tentam garantir um ambiente arejado. A iluminação é feita por lâmpadas fluorescentes que proporcionam luminosidade razoável para a realização das atividades.

---

<sup>1</sup> Em 2002, na segunda gestão do Prefeito Juraci Magalhães, foram construídas 52 creches que possuíam a mesma estrutura física, que era composta de um galpão aberto nas laterais, possuindo somente divisórias para separar as salas de aulas.

Para o cumprimento de atividades coletivas no pátio, bem como acolhidas, eventos e outros momentos planejados, a Creche B, segundo informações da coordenadora, conta com uma televisão, um aparelho de DVD, um *Microsystem*, uma caixa de som amplificada e microfones com e sem fios. A partir das observações por mim realizadas, percebi que existe a necessidade de melhorias nos espaços coletivos em relação à ventilação, sendo necessário o uso de ventiladores no pátio interno e no refeitório.

Na cozinha existe um fogão e um forno industrial novo e em excelentes estados de conservação, um liquidificador industrial, um multiprocessador, um espremedor de frutas, a fim de colaborar no preparo mais ágil e qualificado da alimentação das crianças. Equipamentos diversos (geladeiras, *freezer*, pias, estantes e armários) e acessórios necessários (pratos, colheres, panelas, copos, dentre outros) ajudam a compor o ambiente e auxiliam no trabalho das manipuladoras de alimentos. Em um espaço reservado e bem limitado, inserido na cozinha, está a dispensa de alimentos.

A área lateral esquerda conta com um bebedouro infantil, mas que necessita ser adaptado para facilitar seu uso pelas crianças. De acordo com a necessidade e a possibilidade, as toalhas e os lençóis das crianças são lavados na creche mediante uma ação das auxiliares de serviços gerais com o auxílio de uma máquina de lavar e de uma pia fixada neste mesmo ambiente. Numa das áreas laterais, encontram-se três brinquedos coletivos, que são utilizados durante o banho de sol diário das turmas. Em um espaço da área externa, existe um parquinho de madeira e pneus organizados de forma a favorecer o desenvolvimento de atividades recreativas e pedagógicas que também são utilizadas de durante o banho de sol diário das turmas. A entrada da creche é também usada como espaço significativo para as crianças durante o revezamento de turmas no banho de sol que compreende nos horários entre 7h30, às 9h.

A sala da coordenação também apresenta um espaço para a sala dos professores, sendo dividida por armário e arquivos. O espaço para os professores dispõe de uma mesa com cadeiras, de um armário, de um arquivo, de uma estante com computador e de impressora de uso coletivo. No espaço da coordenação, encontram-se uma pequena mesa para reuniões, algumas estantes onde são guardados livros didáticos e de pesquisa para as professoras e um pequeno acervo de livros paradidáticos com histórias diversas que são

socializadas com as crianças no momento da contação de histórias. Existem ainda equipamentos de fax, telefone, dois armários de arquivo que facilitam e organizam o trabalho administrativo e pedagógico realizado pela coordenadora. Neste mesmo espaço, está disponível uma geladeira nova que mantém e conserva alimentos dos funcionários, um bebedouro e um limitado almoxarifado com os materiais diversos (limpeza, pedagógico e de escritório).

Na tentativa de atender às necessidades básicas e ações de higiene pessoal, a creche possui um banheiro infantil amplo e adaptado, mas carente de reparo e manutenção na parte de escoamento de água, o que é importante para a segurança e boa utilização pelas crianças. Na creche, ainda há outros dois lavabos com espaço e iluminação regulares; contudo, suficientes para a realização das ações de higiene pessoal e atendimento das demandas dos funcionários.

O refeitório está adaptado na área de circulação da creche, mas possui um espaço amplo, arejado e que se mantém sempre limpo. Nele, encontram-se dispostos quatro conjuntos de mesas e cadeiras apropriadas e novas, dispostas de forma organizada para que se possa atender às crianças da creche.

Observou-se que, para tornar os espaços mais aconchegantes, seguros, funcionais e bastante confortáveis, as duas creches procuram manter cada ambiente limpo e organizado com equipamentos e materiais didáticos e pedagógicos disponíveis, de forma a atender às necessidades das crianças como também às dos profissionais que nelas trabalham.

## **2. 4 Conhecendo os sujeitos da pesquisa**

Considerando a formação das coordenadoras, no que concerne ao seu aspecto legal, as mesmas estão em conformidade com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº. 9.394/1996. Pois quanto à formação em nível de graduação, os dados coletados no primeiro bloco do questionário revelam que as coordenadoras A e B possuem o curso de Pedagogia. A Coordenadora A possui Pedagogia com Especialização em Gestão Escolar. Já a coordenadora da Creche B possui Especialização em Educação Infantil e Gestão Escolar e Especialização em Mídias na Educação.

A oferta de cursos de formação continuada é cada vez maior. Prova disso é que nos últimos 10 anos (de 2004 a 2014), no município de Fortaleza, foram ofertados, dentre outros, cursos nas áreas de artes; meio ambiente; educação inclusiva; biblioteca escolar e informática educativa; bem como PROFA – Programa de Formação de Professores Alfabetizadores; Educação Infantil; GESTAR – Gestão da Aprendizagem Escolar; Uni Escola; Pró-Letramento – Programa de formação continuada para professores das séries iniciais; PAIC – Programa de Alfabetização na Idade Certa, envolvendo um grande número de professores. De 2009 a 2014, a Educação Infantil também participou do PAIC para Educação Infantil. Vale ressaltar que também nesse período a Universidade em parceria com o MEC e a prefeitura Municipal realizou dois cursos de Especialização em Educação Infantil.

Considerando que a Universidade não supre todas as necessidades do profissional e que é em campo que ele aprimora o seu fazer pedagógico, optou-se por investigar também o tempo de experiência de cada Coordenadora na Educação Infantil e sua atuação como coordenadora.

As duas Coordenadoras pesquisadas têm uma considerável experiência no campo da Educação Infantil. A Coordenadora da Creche A, que tem 41 anos de idade, por exemplo, atuou por 02 anos, como professora e há 08 anos vem exercendo a função de Coordenadora Pedagógica em creches.

A segunda Coordenadora, por sua vez, atuou durante 07anos como professora, e há 03 anos desempenha a função de Coordenadora Pedagógica, embora conte apenas com 40 anos de idade.

A experiência no magistério pode ser considerada um fator de contribuição ou de empecilho nos processos de desenvolvimento e aprendizagem daqueles que trabalham com educação. Para explicar melhor: se um coordenador atua há alguns anos e no decorrer desse tempo ficou incomodado com algumas questões pertinentes à dinâmica dos ambientes da creche e por isso buscou estudar, refletir sobre sua prática, inovar, redirecionar seu trabalho, enfim, procurou alternativas para superar dificuldades e vencer desafios, então a experiência muito contribuiu para sua formação.

Mas, por outro lado, se o coordenador, há diversos anos, está em uma instituição e sua prática não condiz com os documentos norteadores das políticas para a educação infantil e com o que se tem de produção científica e pesquisas

sobre a infância em suas diferentes dimensões, então é provável que o tempo de experiência não lhe tenha sido útil. Pois a simples reprodução do conhecimento construído historicamente faz com que esse sujeito continue compactuando com certos momentos vivenciados pela Educação Infantil no Brasil, onde se manifesta uma visão higienista e assistencialista das crianças. Embora, saiba-se que ainda hoje é possível encontrar práticas semelhantes.

## **CAPÍTULO 3 ANÁLISE DAS PONDERAÇÕES DAS COORDENADORAS PEDAGÓGICAS**

A fim de compreender a relação entre teoria e prática, bem como os fatores determinantes nos aspectos que tangem à organização dos espaços da creche, a análise dos dados foi realizada a partir das respostas de cada Coordenadora.

Ao analisar cada resposta dada, procurou-se extrair a essência da percepção de cada um dos sujeitos pesquisados e, embora todos os aspectos citados sejam importantes para a pesquisa, a consolidação das informações colhidas em campo priorizou as informações que poderiam nortear o alcance dos objetivos propostos nesta pesquisa.

Dessa forma, procurou-se dividir as informações em três blocos: a percepção dos sujeitos acerca da organização dos espaços na creche; a relação entre a formação e a prática profissional; e, por último, o papel do coordenador e o seu contexto de atuação.

### **3.1 – A percepção dos sujeitos acerca da organização dos espaços na creche**

Compreende-se que o ambiente físico exerce uma grande influência sobre a qualidade das experiências que serão ofertadas às crianças, por isso é importante que o espaço da creche se mantenha de forma a assegurar o conforto e o aconchego da criança, bem como o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, motor, social e espiritual.

A aparência da instituição deve ser prazerosa e interessante para as crianças que a exploram e para os adultos que nelas atuam o que ainda não é recorrente, devido uma realidade não percebida por muitos profissionais que atuam na área ainda não se apropriarem desse novo conceito de Educação Infantil como espaços de desenvolvimento integral da criança.

Ao serem questionadas sobre este ponto, as coordenadoras pedagógicas pesquisadas demonstram que primam por um ambiente onde oportunize ações da

gestão que visem construir estratégias adequadas às necessidades das crianças; garantindo, que elas estejam no alvo de suas ações e que seja o centro das decisões como reflete a fala a seguir:

Penso que planejar a organização dos espaços é favorecer várias possibilidades de aprendizagem para as crianças, levando em consideração as necessidades e desejos individuais e coletivos; também é garantir a autonomia da criança, pois a deixa escolher com o que e quem quer brincar e, assim, possibilitar que a criança através do faz de conta possa construir seu pensamento sobre os vários conhecimentos. (Coordenadora A)

Para tanto, essas atuações acontecem com a elaboração de um plano de ação no início do ano letivo, no qual se detalham as metas e estratégias responsáveis pela execução de todas as atividades e também com relação à organização dos espaços que serão estruturados na creche no decorrer do ano. Pudemos perceber noutra fala, a importância que a coordenadora da Creche B dá à organização dos espaços e suas preocupações com a efetivação desses:

A organização dos espaços deve contemplar um ponto essencial que é a identidade pessoal das crianças. Um ambiente que seja acolhedor e agradável, que ofereça à criança amplo movimento e segurança, que desperte a aprendizagem, sendo estimulante e prazeroso. Sendo, assim, propulsor no acolhimento e desenvolvimento das crianças e seus familiares. (Coordenadora B)

Esta compreensão que têm as coordenadoras está diretamente ligada às concepções que as mesmas possuem em relação à criança e à infância.

É certa que a concepção de criança é uma noção historicamente construída e, conseqüentemente, vem mudando ao longo dos tempos, não se apresentando de forma homogênea nem mesmo no interior de uma mesma sociedade e época. Assim, é possível que, por exemplo, em uma mesma cidade existam diferentes maneiras de se considerar as crianças pequenas, dependendo da classe social à qual pertence o grupo étnico do qual fazem parte.

Muitos avanços ocorreram na Educação Infantil no Brasil ao longo dos últimos anos. A ampliação do direito das crianças representa uma significativa conquista, mas esse direito só se efetivará de forma consistente quando as instituições pensarem em garantir um atendimento de qualidade.

Com relação à questão do direito da criança a educação, as coordenadoras pesquisadas apresentaram os seguintes pontos de vista:

Com certeza, a criança é um ser de direito. Portanto, como qualquer outro cidadão, devem ser garantidos todos os direitos, inclusive à

Educação, que juntamente com a família, contribuirá para seu desenvolvimento em vários aspectos: social, cognitivo, motor, afetivo. (Coordenadora A)

Disponibilizando vagas em escolas/creches próximas às residências das crianças, em tempo integral, garantindo uma educação de qualidade, voltada para as necessidades fundamentais da criança, com equipes de profissionais qualificados, ambientes adequados e estimuladores, rico em materiais pedagógicos e brinquedos, ofertando alimentação saudável, respeitando cada criança com suas especificidades e interagindo a família nesse processo. (Coordenadora B)

Estas falas refletem a importância do estudo de documentos que asseguram os direitos das crianças, bem como os avanços nos últimos anos em torno da luta de grupos e entidades, como o MIEIB, os fóruns estaduais em defesa da Educação Infantil, a Campanha Nacional pelo Direito à Educação e os demais movimentos de mobilização em prol da Educação Infantil. Percebemos que efetivamente a ampliação do direito à educação a todas as crianças pequenas representa uma grande conquista e um marco em nossa sociedade.

Podemos afirmar que grande parte das crianças pequenas brasileiras enfrenta um cotidiano bastante adverso, que as conduz desde muito cedo às precárias condições de vida e ao trabalho infantil. Sou um exemplo dessas precárias condições de vida. Meus pais não tinham conhecimento suficiente para acompanhar meus estudos e, logo cedo, comecei trabalhar, sofrendo excessos e exploração por parte de adultos.

As crianças necessitam ser protegidas de todas as maneiras, recebendo de suas famílias, das instituições e da sociedade em geral todos os cuidados necessários ao seu desenvolvimento. Nós, educadores, temos que fortalecer essa rede de proteção.

Compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é o grande desafio da Educação Infantil e de seus profissionais. Embora os conhecimentos derivados da psicologia, antropologia, sociologia, medicina etc. possam ser de grande valia para desvelar o universo infantil, apontando algumas características comuns das crianças, elas permanecem únicas em suas individualidades e diferenças.

Tanto a compreensão da organização dos espaços quanto a concepção que se apregoa com isto refletem diretamente na qualidade dos serviços ofertados. Em um determinado momento histórico, essa concepção foi profundamente marcada pelo meio social em que se inseria, mas também foi

bastante marcante para ele. Isto ainda se apresenta nem algumas realidades e essa dualidade revela a contradição e o conflito de uma sociedade que não resolveu ainda as grandes desigualdades sociais, presentes no cotidiano.

Esse conflito também é visível na fala das coordenadoras, quando questionadas se consideram que há ou não qualidade nos serviços oferecidos. Uma considera que não, levando em consideração aspectos da estrutura física, da falta de materiais pedagógicos, como brinquedos e livros de literatura infantil, bem como mobiliário e equipamentos. Esta mesma coordenadora ainda ressalta:

Existem alguns serviços, mas ainda não são de qualidade, quando se leva em consideração vários fatores, como: qualidade, quantidade, utilização de acordo com a faixa etária e durabilidade. Muitos funcionam de forma precária: [...] a alimentação com itens que não atendem às necessidades nutricionais das crianças – sucos industrializados e pouca sugestão de frutas e legumes no cardápio –, a formação de alguns profissionais no atendimento às crianças (funcionários de apoio), os momentos de planejamento coletivo entre as professoras, momentos de formação para os funcionários de apoio. (Coordenadora A)

Já a opinião da outra coordenadora pesquisada diverge da fala citada anteriormente. A Coordenadora B avalia que existe, sim, qualidade nos serviços prestados:

[...] respeitamos os direitos básicos das crianças, valorizando o cuidar e o brincar, com atenção individual, em um ambiente acolhedor, seguro e estimulante. Vivenciamos experiências com as crianças que envolvem o contato com a natureza, a higiene e a saúde, uma alimentação saudável, desenvolvendo a curiosidade, a imaginação e capacidade de expressão. A interação da criança com o outro é essencial para o seu desenvolvimento pleno e integral, com os coleguinhas, com os adultos – seus educadores e familiares. (Coordenadora B)

Percebe-se que foram utilizados pontos de observação e parâmetros de qualidades diferentes na avaliação da qualidade dos serviços oferecidos às crianças. Ressaltamos que esse conceito é bastante subjetivo e que esse estudo carece de um aprofundamento. Como afirma ZABALZA (1998), “a qualidade na Educação Infantil passa pela cultura da infância, os valores, crenças, em construir um autêntico projeto formativo integrado”.

### **3.2 – A relação entre a formação e a prática profissional**

Os educadores precisam buscar a cada dia mais conhecimento, o que demanda estudo e tempo. Esse tempo para formação em serviço vem, ao longo de nossa trajetória, sendo construído a partir de nossas lutas e conquistas mas, ainda assim os sistemas necessitam repensar a precariedade da formação dos educadores da Educação Infantil; pois a formação deve-se pautar em reflexões e análises de práticas cotidianas e principalmente buscar suprir aos educadores de formação com relevância na temática da organização dos espaços.

Um ponto interessante na fala das coordenadoras faz menção a essa formação continuada e sua relevância. Há nestes depoimentos uma unidade de pensamento:

A formação continuada possibilita que o profissional possa refletir sobre sua prática, pois ele tem a possibilidade de pensar sobre sua ação através do estudo sobre determinado tema, também ele tem a possibilidade de trocar ideias com seus pares, contribuindo para uma melhoria na sua prática pedagógica. (Coordenadora A)

A formação continuada estimula os educadores e gestores a melhorarem e ampliarem suas práticas e ações, atuarem de forma mais segura, sentindo-se apoiados pelos saberes adquiridos. Contudo, contribuindo diretamente para a melhoria na educação, no atendimento às crianças e seus familiares. (Coordenadora B)

É importante apontar que a formação continuada está intimamente ligada à qualificação dos profissionais que trabalham com as crianças. Além da formação oferecida pelos sistemas de educação, ainda se faz necessária a construção de uma rede de formação *in locu* que também compete à coordenação pedagógica todo seu direcionamento. Essa formação em serviço resultará em melhorias significativas para o desenvolvimento e bem-estar do grupo.

A partir dessas considerações cabe ainda salientar que a formação deve possibilitar: planejamento, avaliação e registros, bem como deve buscar atualização de conhecimentos e pesquisas sobre a infância, promoção de leitura e discussão sobre as práticas de Educação Infantil.

Sabemos, entretanto, que a formação por si só não garante mudanças efetivas no ambiente escolar. É preciso haver um processo de reflexão sobre a teoria e inseri-la na práxis. Desta forma, as condições de trabalho são extremamente relevantes e podem contribuir para ou dificultar a prática do profissional. Ao refletir sobre isso, as coordenadoras entrevistadas também divergem em suas opiniões. Enquanto a Coordenadora B diz que já possui condições adequadas de trabalho, a Coordenadora A afirma que não:

Se formos pensar nas condições que contribuem para a promoção da aprendizagem das crianças, levando em consideração a faixa etária, ainda não temos tais condições de funcionamento, constantemente nos deparamos com a falta de algum material ou equipamento que possibilitaria a vivência de situações que favorecem a aprendizagem das crianças. (Coordenadora A)

Fica claro, que o ponto que trata das condições favoráveis nas instituições observadas diverge e que essa diferença diz respeito também às questões de concepções, de formação, de reflexão e análise do sistema educacional. Dessa forma, atenta-se para a necessidade de adoção pelo poder público de estratégias estruturadas para a organização dos espaços físicos das instituições, pautadas nas orientações nacionais constantes nos documentos oficiais.

No Brasil, infelizmente, ainda existe a obrigação de contentar-se ou fazer o impossível para se enfrentar e conviver em espaços coletivos nos quais adultos e crianças não são respeitados com padrões mínimos de qualidade, e acabam por acomodar ou buscar saídas.

Acerca disso, Horn (2004, p.33) salienta: “Quaisquer que sejam as limitações de um prédio, sempre há algo que pode ser feito para torná-lo mais confortável e atrativo para os adultos e as crianças que nele passam longas horas do dia”.

Façamos uma simples comparação. Quando visitamos a casa de uma pessoa pela primeira vez, podemos perceber, através dos espaços muitas nuances de sua personalidade, de seus gostos, valores e do seu modo de vida peculiar. De igual modo ocorre com o ambiente escolar. Quando adentramos em uma instituição, percebemos, através da disposição de sua organização, da decoração, da limpeza e de cada canto, que concepções e que pessoas ali atuam. Desse modo, como afirma Fornero (1998 *apud* ZABALZA, 1998 p. 232), “o ambiente fala mesmo que nos mantenhemos calados”.

Como se vê, o ambiente influencia as aprendizagens e condutas das crianças pequenas. Sendo assim, a organização e a preparação de ambientes desafiadores e transformadores na creche é competência de todos. Entretanto, os atores principais desse papel são os coordenadores, a quem compete esse trabalho.

Mesmo diante de toda dificuldade, a organização das intervenções é papel dos educadores e necessita ser planejada em contexto de grupos, com a orientação pedagógica e a colaboração das crianças e suas famílias. Nessa

perspectiva, a Coordenadora A elenca algumas práticas que realizou no intuito de revitalizar os espaços da creche em que atua:

- Mudança nos ambientes em salas de aula, quadros de chamadinha, quadro de nomes e mala de histórias;
- Adaptação de um espaço apropriado para as refeições;
- Readaptação da rotina da creche;
- Reestruturação do banho no banheiro;
- Oficina com os pais para integração das famílias;
- Criação de um campinho de futebol e uma casinha com material de sucata. (Coordenadora A)

Esta mesma atitude foi expressa na fala da Coordenadora B, na qual afirma que as interferências realizadas foram significativas, pois proporcionaram uma mudança de atitude por parte dos profissionais da instituição, contribuindo para a melhoria no atendimento às crianças.

- Nas salas de aula, tornando as mobílias e demais objetos acessíveis às crianças;
- nas áreas externas, capinando o mato, limpando a areia, colocando objetos estimuladores como pneus coloridos e parquinhos de madeira para as atividades que fazem parte da rotina no CEI;
- no verde, como jardins e plantas medicinais com as crianças e seus familiares, limpando e construindo os espaços para que as crianças vivenciem na prática o cuidar do meio ambiente;
- na sala da coordenação e dos professores, que antes não existia onde planejar, hoje dividimos o espaço, oferecendo um ambiente um pouco melhor do que antes, sem ser ainda o ideal. (Coordenadora B)

Portanto, conclui-se que as condições favoráveis de funcionamento são imprescindíveis às coordenadoras que lutam para garantir dignidade e cidadania às crianças e aos demais profissionais que estão sob sua condução. E, em relação a um ambiente pensado para viver e na perspectiva da organização desse ambiente, é preciso criar uma cultura de valorização nesse aspecto, pois é inconcebível vermos crianças passarem os anos mais importantes de suas vidas em lugares caóticos e cercados de feiura e desordem, com salas descuidadas e com aparência deprimente. Isso é o que não devemos oferecer às nossas crianças.

### **3.3 – O papel do coordenador e o seu contexto de atuação**

A disponibilidade e a organização dos espaços necessitam de um olhar sensível e acolhedor, que assegure um ambiente acolhedor e de qualidade. O coordenador, para desenvolvimento desta função, também apresenta a mesma necessidade e, para poder desenvolver esse trabalho com prazer e eficiência, é necessário que os sistemas ofereçam recursos disponíveis, ambientes criativos e satisfatórios. Segundo Fornero (1998 *apud* ZABALZA, 1998):

Existem elementos dos espaços físicos da sala de aula que, dependendo de como estiverem organizados, irão constituir um determinado *ambiente de aprendizagem* que condicionará necessariamente a dinâmica de trabalho e as aprendizagens que são possíveis nesse cenário. (Fornero, 1998 *apud* ZABALZA, 1998 p. 237)

Diante disso, percebe-se, na fala das coordenadoras, seus anseios e angustias principalmente no que concerne aos seus próprios ambientes de trabalhos e às necessidades das crianças. A preocupação com “brinquedos que atendam às especificidades das crianças de acordo com a faixa etária em quantidade e variedade” e também “equipamentos: ventiladores, mobiliários apropriados à Educação Infantil, material de limpeza e pedagógico”, estão listados na fala da Coordenadora A.

Esta mesma preocupação e necessidade aparecem também na fala da Coordenadora B:

Brinquedos diversos, mobílias novas e apropriadas para o atendimento de crianças em idade de creche, livros infantis para montar bibliotecas nas salas de aula, mídias atuais para cada sala, data show e tela, ventiladores novos[...]. (COORDENADORA B).

Vale ainda uma reflexão sobre a importância da coordenação no tocante ao tempo e à organização das atividades na creche. Pois, como afirmam Craidy e Kaercher (2001, p.68)

[...] Todos os momentos deverão, permitir experiências múltiplas, que estimulem a criatividade, a experimentação, à imaginação, que desenvolvam as distintas linguagens expressivas e possibilitem a interação com outras pessoas. (CRAIDY E KAERCHER 2001, p.68).

Outra forma de olhar os espaços está ligada ao cuidado sensível e compreensível no tocante às emoções das crianças, que estando separadas de seus pais e do aconchego de seus lares carecem de educadores, que, compreendam as sensações e os sentimentos expressos por elas e que percebam o estabelecimento do vínculo entre crianças e adultos.

A coordenação também deve promover e estabelecer claramente esse posicionamento em seu grupo, as expectativas que se estabelecem com relação

às condições de trabalho, do ambiente e da prática cotidiana são recorrentes nas falas das coordenadoras:

[...] em muitas situações me sinto impotente e desestimulada para realizar as ações que propus. Porque me deparo com situações que não consigo resolver sem a parceria da direção da escola, do Distrito de Educação e da SME, que em alguns casos também não conseguem resolver, por vários motivos, principalmente políticos. (COORDENADORA A)

A Coordenadora B ressalta o trabalho solitário que vive na função quando expressa seus anseios por um profissional da área administrativa:

O apoio de um agente administrativo para realização das ações burocráticas. Assim poderei disponibilizar mais tempo para o acompanhamento das ações pedagógicas, dos planejamentos e das práticas de sala de aula. (COORDENADORA B)

Como se não bastassem todas as dificuldades enfrentadas, toda escassez, toda falta e todas as incompreensões, no decorrer da pesquisa, uma das creches pesquisadas foi infortunadamente saqueada por ladrões que adentraram a instituição diversas vezes e levaram pertences que muito contribuíam para o bom andamento dos serviços oferecidos à comunidade, causando assim uma significativa baixa do rendimento do trabalho, comprometendo a segurança de todos e, sensivelmente, a motivação do grupo em continuar. Percebi com imenso pesar, a tristeza e o desapontamento da Coordenadora em não ter como resolver sozinha, esses problemas e garantir a reposição dos bens roubados.

Encontrar maneiras de driblar essas necessidades e conduzir bem e coerentemente o trabalho realizado na creche é o grande desafio ante as inúmeras atribuições da coordenação, que vão desde gerenciar o grupo de forma satisfatória e capacitá-lo para desempenhar em conjunto o planejamento e desenvolver de maneira prazerosa a qualidade do serviço oferecido, até a comunicação eficaz com os atores do seguimento escolar, incluindo as famílias.

O enfrentamento das dificuldades e das situações de estresse dependerá, consideravelmente, da condução e do tipo de liderança exercida. Segundo GOLDSCHMIED (2006, p.94) “A organização eficaz é essencial para que a equipe trabalhe em conjunto de maneira harmoniosa”.

O papel da coordenação, portanto, envolve principalmente a promoção e o crescimento do seu grupo, no qual promove oportunidades de amadurecimento e conquistas, mediadas na delegação de responsabilidades, na resolução de conflitos e na colaboração pensada no bem-estar de todos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ambiente físico tem grande relevância sobre a vida das crianças e dos adultos que compartilham dos mesmos espaços na creche. É extremamente significativa a qualidade das experiências que esses espaços serão capazes de favorecer às crianças.

Sabe-se que a grande maioria das crianças atendidas em creches públicas não tem condições dignas de moradia e quase sempre vivem em comunidades que sofrem com problemas básicos de infra-estrutura e de saneamento; muitas vezes lhe são negadas as oportunidades de brincar e de viver em ambientes acolhedores e aconchegantes.

Os sistemas governamentais não disponibilizam condições físicas e financeiras, nem tampouco regulamentam leis que determinem exigências e fiscalização, que tratem os aspectos físicos das instituições. As crianças sofrem por limitações de espaços de qualidade destinados a elas. Cada vez mais esses espaços são desrespeitados e deixam de ser considerados na perspectiva da qualidade e das necessidades que se apresentam para o desenvolvimento integral de nossas crianças.

Portanto, nesta pesquisa buscamos compreender como se empreende a organização dos espaços de creches, com a intenção de conhecer como as coordenadoras pedagógicas utilizavam o espaço físico das instituições e se elas propunham alternativas e invenções para o espaço em que desenvolvem atendimento. Buscamos ainda pesquisar efetivamente sobre o trabalho destas coordenadoras, na perspectiva de encontrar elementos que subsidiem outros profissionais que atuam na Educação Infantil a organizar ambientes que oportunizem às crianças atendidas a manifestarem seus interesses através da exploração incessante de todos os espaços oferecidos.

No decorrer da nossa trajetória profissional sempre tivemos como motivação, saber mais sobre o tema e de como conduzir melhor a organização dos espaços. Outrora pensávamos que não seria tão difícil melhorar o aspecto da creche; hoje sei que não é impossível, mas demanda muito mais do que vontade própria. Vislumbramos, com esta pesquisa, que a organização de espaços atraentes e desafiadores para o desenvolvimento infantil requer condições

estruturais necessárias, vontade política, articulação com a comunidade e ainda consiste de aspectos como a relevância da formação e concepções dos diversos seguimentos que constituem o grupo.

É fato que algumas instituições têm conhecimentos sobre os Parâmetros Básicos de Infraestrutura para as Instituições de Educação Infantil, mas que só isso não basta. O que ocorre é que muitas vezes somente a gestão dos coordenadores pedagógicos não conseguirá dar conta de garantir a efetivação dos referidos parâmetros e, assim, as creches têm de se contentar e fazer o possível para adequar os espaços disponíveis.

Não é suficiente um prédio bonito, bem equipado, amplo e novo. Sabe-se que tudo isso não dá conta de garantir uma educação de qualidade, pois deve vir acompanhado de um projeto pedagógico consistente, bem como de um grupo de educadores com formação, atentos às necessidades das crianças, ao direito à brincadeira e a uma rotina coerente e significativa, não usando aquele espaço somente como depósito de crianças.

Durante a pesquisa, ficaram notórias as considerações que as coordenadoras fizeram em relação à organização dos espaços e de como suas concepções foram relevantes para essa ação. A clareza e o direcionamento que demonstraram nos aspectos abordados revelaram que a formação serviu de suporte para consolidar tais ações.

Suas considerações também revelaram que é importante que os critérios de qualidade em sua dimensão de espaços, de materiais e de mobiliários sejam respeitados, revelando assim que as necessidades das crianças devem ser consideradas e que os espaços devem propiciar situações interessantes e envolventes de maneira organizada, flexível e cuidadosamente planejada.

É necessário mencionar que não foi possível dar conta de aspectos da pesquisa voltados para a perspectiva de estudos referentes à qualidade. Documentos norteadores como os Indicadores de Qualidade na Educação Infantil (2009), bem como a contextualização da trajetória dos movimentos populares de luta pela infância e pela Educação infantil não foram alvos desta pesquisa.

Contudo a intenção não era de revelar um modelo pronto de organização, mas de perceber ideias e comprovar atitudes, sem deixar de acreditar que era possível. O propósito era dar visibilidade à importância de uma construção coletiva, por conseguinte de ações refletidas no contexto de adultos e crianças,

profissionais e familiares, sob as contribuições e intervenções daqueles que coordenam, sem deixar de ter um olhar fixo na formação.

E não se pode esquecer que essas instituições fazem parte de um sistema de ensino e que as possibilidades de realização de um trabalho voltado para a efetivação nesse aspecto dos espaços escolares necessitam ser ainda mais refletidas, buscadas e conquistadas a duras lutas e modificações; pois, acima de tudo, parte de um contexto social.

A instituição de Educação Infantil como um todo precisa pensar em formas diferentes e diversificadas de dinamizar seus espaços, a fim de agir como guardiã desse direito fundamental da criança. Deve-se ver o espaço como um ambiente vivo, que favoreça ao desafio e à descoberta. Desse modo, cabe aos adultos e aos profissionais da creche, liderados pela coordenadora pedagógica, desprender-se das ideias longínquas em relação aos ambientes tradicionais de escolarização e oferecer um espaço vivo, facilitador do desenvolvimento da criança, respeitoso e solidário, onde as famílias possam encontrar acolhimento, receptividade e confiança.

Para isso, a gestão precisa ter seus referenciais teóricos pautados na concepção de que o espaço interfere na qualidade das aprendizagens e que o modo como disponibiliza esses espaços garantirá o bem-estar das crianças e do grupo como um todo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 1995. (Série Prática Pedagógica).

BARBIERI, Stela. **Interações: Onde está a arte na infância?** São Paulo: Blucher, 2012.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. **Educação Infantil: Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 67-79.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BONDIOLI, A.; MANTOVANI, S. **Manual de Educação infantil: 0 a 3 anos - uma abordagem reflexiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BRASIL. CNE/SEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação infantil**. Resolução nº 05, de 2009. Brasília, DF, 2009.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação infantil**. Parecer nº 20, de 2009. Brasília, DF, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília, DF, v. 3, 1998.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Básicos de Infra-estrutura para Instituições de Educação Infantil**. Brasília, DF, 2006.

\_\_\_\_\_. **Indicadores de qualidade na Educação Infantil**. Brasília, DF, 2009.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**. Brasília, DF, v. 1, 2006.

\_\_\_\_\_. **Organização do espaço físico, dos brinquedos e materiais para bebê e crianças pequenas**: manual de orientação pedagógica - módulo 4. Brasília, DF, 2012.

BRASIL. MEC/SEF/DPEF/COEDI. **Propostas pedagógicas e currículo em educação infantil**: um diagnóstico e a construção de uma metodologia de análise. Brasília, DF, 1996.

CAMPOS, Maria M.; ROSEMBERG, Fúlvia. **Crêches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/direitosfundamentais.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

CAMPOS, Maria Malta; COELHO, Rita de Cássia; CRUZ, Silvia H. Vieira. **Consulta sobre qualidade da educação infantil**: O que pensam e querem os sujeitos deste direito - relatório técnico final. São Paulo: Cortez, 2006.

CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. **Educação Infantil**: Pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

CARVALHO, Mara I. Campos; RUBIANO, Márcia Bonagamba. Organização do espaço em instituições pré-escolares. In: OLIVEIRA, Zilma M. R. (Org.). **Educação infantil**: muitos olhares. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

CEARÁ. Secretaria de Educação do Estado do Ceará. **Orientações Curriculares para a Educação Infantil**. Fortaleza, 2011.

Cruz, Silvia H. Vieira. **Propostas pedagógicas e currículo em educação infantil**: um diagnóstico e a construção de uma metodologia de análise. Brasília: de MEC/SEF/DPEF/COEDI, 1996.

FERREIRA, L. S. Gestão do pedagógico, trabalho e profissionalidade de professoras e professores. **Revista Iberoamericana de Educación**, Madrid, OEI, p. 217-230, 2007.

FORNEIRO, Lina, I. A Organização dos Espaços na Educação infantil. In: ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 9ª.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GADOTTI, Moacir. **Pressupostos do projeto pedagógico**. Cadernos Educação Básica - O projeto pedagógico da escola. Atualidades pedagógicas. Brasília: MEC/FNUAP, 1994.

GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn; FORMAN, George. **As Cem Linguagens da Criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. **Educação Infantil de 0 a 3 anos**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.

HORN, M. G. S. **Sabores, cores, sons, aromas**: A organização dos espaços na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ISKANDAR, Jamil Ibrahim. **Normas da ABNT**: comentadas para trabalhos científicos. 4. ed. Curitiba: Juruá, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira; TOSCHI, Mirza Seabra. **A educação escolar**: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2003.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. **A Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, M. L. A. (Org.). **Encontros e desencontros em Educação Infantil**. São Paulo: Cortez, 2002.

MELLO, Ana Maria de Araújo (Org.). **O dia a dia nas creches e pré-escolas**: crônicas brasileiras. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000. (Coleção Papirus Educação)

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Z. M. R. et al. **Creches**: crianças, faz de conta & cia. Petrópolis: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, Z. M. R. (Org.). **Educação infantil**: muitos olhares. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

RIZZO, Gilda. **Creche**: organização, currículo, montagem e funcionamento. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C. (Org.). **Os fazeres na Educação Infantil**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVEIRA, Regina E. Secaf et al. Oportunidades de contato entre adultos e as crianças em creches. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v.68, n.158, p.130-163, jan/abr. 1987.

STACCIOLI, Gianfranco. **Diário do acolhimento na escola da infância**. Campinas: Autores Associados, 2013.

THIAGO, L. P. S. Espaço que dê espaço. In: OSTETTO, L. E. (Org.). **Encontros e encantamentos na Educação Infantil**: partilhando experiências de estágios. 10. ed. Campinas: Papirus, 2011. p. 51-62.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil**. Tradução de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998.

## **Anexo 1 – Roteiro de Observação**

1. Sobre a instituição: localização; estrutura física; condições de conservação dos espaços; áreas externas; equipamentos e mobiliários; acervos de brinquedos e material de suporte pedagógico; tipo de atendimento; enturmação e faixa etária.
  
2. Sobre clientela atendida: nível socioeconômico; condições de moradia; constituição familiar; nível de escolaridade da família.
  
3. Sobre as coordenadoras: condições de trabalho; relacionamento com a equipe de profissionais; intervenções no ambiente físico da creche.

**Anexo 2 – Roteiro do Questionário**

Formação: \_\_\_\_\_

Tempo de atuação como coordenador: \_\_\_\_\_

Experiência na Educação Infantil: \_\_\_\_\_

1. Como você considera que deve ser garantido o direito da criança à educação?
2. Você considera que, na instituição que você coordena, são oferecidos serviços de qualidade às crianças? Cite exemplos.
3. Qual a importância da organização dos espaços na creche?
4. O que você pode mencionar de relevante sobre formação continuada?
5. Você já fez alguma interferência no ambiente de trabalho e qual foi esta mudança?
6. Você considera que a creche em que você atua possui condições favoráveis de funcionamento?
7. Se você pudesse agregar materiais e equipamentos ao seu ambiente escolar, o que você agregaria?
8. O que falta para auxiliar a sua prática enquanto coordenadora pedagógica?

## DECLARAÇÃO

Eu, Lauro Inácio graduado em Letras (nº do registro do diploma) pela Universidade Federal do Ceará, declaro para os devidos fins, que a monografia **PERCEPÇÕES DE COORDENADORES PEDAGÓGICOS ACERCA DA ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS EM CRECHES PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE FORTALEZA**, de autoria de Júlia Oliveira de Sousa Teobaldo, foi por mim revisada do ponto de vista gramatical.

---

Local e data

---

Nome e assinatura